

Análise dos Índices de Polifonia no Gênero Editorial

Angelina Alves de Souza (PG. UEL)
Orientadora: Prof. Dr. Lídia Maria Gonçalves

1- Considerações Iniciais

Esse artigo tem o objetivo de analisar os índices de polifonia no gênero editorial. A escolha do jornal deve-se à sua principal função de informar a realidade a partir de uma ótica, de maneira a situar o leitor nos fatos importantes para a sua comunidade e mantê-lo atualizado sobre seu contexto sócio-histórico. Como o editorial é o gênero de maior responsabilidade discursiva da empresa jornalística dentre os diversos gêneros que circulam na esfera midiática, é de grande importância analisar os recursos lingüísticos utilizados com o intuito de persuadir o leitor, pois a linguagem humana envolve aceitação, ou seja, quando ocorre a comunicação, essa possui uma intenção e objetivos específicos. “Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia, mude de comportamento ou de opinião. etc.” (FIORIN, 2006, p.74)

Observamos no gênero editorial um estilo próprio de comunicar que é o do gênero associado ao estilo individual do editor. Este chama a atenção do leitor para um assunto que, geralmente, está ligado à vida das pessoas, apesar do tema poder ser de abrangência local, regional, nacional ou internacional, encontramos nesse tipo de texto, uma linguagem expressiva, com a força necessária para produzir uma reação, um sentimento, na tentativa de levar o receptor a refletir sobre o que está sendo veiculado e compartilhar dos posicionamentos assumidos pela empresa jornalística. A escolha do Jornal de Londrina deve-se ao fato de, em tempos atuais, ser a referida empresa a de maior circulação no município de Londrina. Notamos que a maioria dos editoriais do Jornal de Londrina retrata fatos marcantes para a comunidade londrinense e visa provocar o leitor sobre aspectos importantes de sua cidade, buscando alcançar uma aceitabilidade, propor um diálogo, uma vez que os temas tratados fazem parte da vida social de quem lê.

Os índices de polifonia foram escolhidos em função da possibilidade de se ouvir em um mesmo texto diversas vozes que falam, cada uma com uma determinada característica, dando legitimidade à fala do enunciador, conforme orientam Platão e Fiorin, (2002, p.73): “Chamamos procedimentos argumentativos a todos os recursos acionados pelo produtor do texto com vistas a levar o leitor a crer naquilo que o texto diz e a fazer aquilo que ele propõe”.

A polifonia manifesta-se nos diversos textos, pois a discursividade contribui para uma comunicação efetiva que alcance o objetivo proposto pelo enunciador. Bakhtin (1986) concebe a linguagem humana como meio de interação social, sendo, portanto, de natureza polifônica e dialógica. Maingueneau (2001, p.55) reafirma essa teoria quando diz: “O discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a muitos outros, outros enunciados que são comentados, parodiados, citados, etc”.

A partir das diversas vozes presentes no texto, vemos a importância do conhecimento de mundo para a leitura e para a escrita, uma vez que esse saber acumulado é o responsável pelas vozes inseridas no discurso reforçando a idéia da inexistência de um discurso puro. Assim sendo, os editoriais a serem analisados, trazem as marcas lingüísticas reveladoras da polifonia, utilizadas pelo editor com o intuito de melhor interagir com seus leitores.

Ao trazer para dentro de seu discurso outras vozes, o texto adquire maior poder de persuasão, possibilitando que o receptor se identifique com a informação veiculada e, desse modo, acontece a aceitabilidade e até uma tomada de posição favorável ou contrária. O discurso alcança, em função das vozes presentes, um poder transformador. E mobilizado pela discursividade o receptor acredita na informação e pode passá-la adiante com confiabilidade.

2- Embasamento

Os operadores argumentativos, a pressuposição, o futuro do pretérito e o uso de aspas são índices de polifonia.

2.1 Assumimos a perspectiva bakhtiniana defensora do caráter polifônico e interacionista da linguagem. Analisamos os efeitos produzidos pela adoção de operadores argumentativos presentes no discurso dos editoriais em análise, a saber: ‘ao contrário’, ‘no entanto’ e ‘portanto’. Nas palavras de Bakhtin (1986, p.44): “realizando-se no processo da relação social, todo signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados.”

Os operadores analisados explicitam no texto através de uma outra voz, sobre algo que se deseja informar com maior força argumentativa, levando o interlocutor a acreditar na idéia veiculada. Os operadores ‘mas’, ‘embora’ e outros da mesma escala argumentativa introduzem outras vozes, trazem outras vozes com poder argumentativo capaz de conferir ao discurso legitimidade e acolhida por parte do interlocutor. Na mesma linha polifônica, figuram os operadores conclusivos: ‘portanto’, ‘no entanto’, com os quais procura-se conduzir o leitor a postulados tidos como certos e verdadeiros em sua cultura. Essa estratégia evoca diversas vozes no discurso e favorece a aceitação do mesmo, já que o ouvinte pode se identificar com a ideologia veiculada por meio da enunciação. Sobre a interferência da ideologia na linguagem pondera Gregolin (1995, p.17) “A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua”.

2.2 A pressuposição é a admissão de que o enunciado é comandado por uma informação que se desdobra em duas, pois contém subentendidos subjacentes ao discurso. No pressuposto, algumas intenções do locutor são expressas de forma indireta. Conforme orienta Ducrot (1972, p.77) “pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”. A partir da carga discursiva que envolve a pressuposição, há um modo diverso de dizer, ou seja, inúmeras vozes diferentes mobilizam o interlocutor a interpretar o enunciado. A questão do pressuposto tem sido analisada como um mecanismo lingüístico amplamente polifônico, pois além de permitir a evolução de uma enunciação passada, mobiliza a construção de um dizer novo capaz de estabelecer hipóteses e conclusões.

2.3 O uso de aspas tem como função difundir dizeres de outros, com o propósito de imprimir ao discurso mais densidade persuasiva e força de argumentação. Ao citar outra voz ocorre um distanciamento da fala do interlocutor, o que funciona como fator de credibilidade e serve também para justificar uma crítica ou um questionamento, ou seja, o locutor insere outras vozes em seu discurso para fundamentar sua tese e conquistar a adesão de seu ouvinte. Authier-Revuz

(2004) pondera que sendo a linguagem humana marcada pela heterogeneidade, o uso de aspas no discurso anuncia a presença de outras vozes em seu interior.

2.4 O futuro do pretérito é utilizado quando o locutor se isenta do discurso produzido e confere toda a responsabilidade da enunciação e seus possíveis efeitos a outra voz citada em sua locução. O recurso polifônico se caracteriza pelo uso da fala de outro para embasar a pretensão comunicativa do locutor, e uma vez que todo discurso espera adesão por parte de quem o recebe, se a tese for confirmada ou negada em função do desfecho pré-anunciado, a interação almejada terá atingido o seu objetivo: “a autoridade polifônica é coextensiva a toda argumentação. Enquanto o raciocínio por autoridade constitui um procedimento facultativo, a autoridade polifônica é uma necessidade constitutiva da fala” (Koch, 1984, p. 149).

3- Análise dos Índices de Polifonia no Gênero Editorial

As marcas lingüísticas presentes no enunciado permitem que o leitor perceba os caminhos do discurso orientados pela argumentação utilizada e o modo como texto e contexto se relacionaram quando foi produzido.

3.1 Operadores Argumentativos

O editorial do Jornal de Londrina, de 06/05/2008, intitulou-se “A Casa do DCE” e manifestou-se contrário a posição defendida pelo reitor da UEL, em uma reportagem veiculada no primeiro dia daquela semana. Na referida matéria jornalística, o reitor argumentava que os atuais estudantes não possuíam vínculo com a história da casa do DCE. Por sua vez, o editorial defendia a luta dos universitários que desde a década de sessenta mantêm a posse do imóvel. Observe o fragmento a seguir:

“A ação de reintegração de posse, no entanto, ao contrário do pretendido, revigorou um movimento até então sem rumo e em processo de esvaziamento”.

O uso de ‘no entanto’ introduz uma visão contrária ao postulado pelo administrador da universidade. Insere, desse modo, outras vozes que são de um grupo da comunidade participante do acontecimento informado. Essas vozes inseridas pelo conector lingüístico favorecem a força argumentativa da mensagem e a adesão por parte do leitor ao pleito dos discentes.

O conector adversativo ‘no entanto’ seguido do conector ‘ao contrário’ exprime e reforça uma oposição ao anteriormente relatado, ou seja, o locutor chama a atenção em seu discurso para um fato que produziu rumores, ecos adversativos, contrapondo-se ao controle almejado. Podemos perceber que o locutor cita o discurso da autoridade competente com o propósito de gerar mais polêmica e aumentar a tensão sobre o episódio. Tanto que sobre o incidente, várias vozes puderam se posicionar por meio de textos que foram divulgados na imprensa nos dias seguintes.

A escolha dos operadores argumentativos mobiliza outros discursos e incita o ouvinte a formar a sua própria opinião. É um modo de promover o diálogo, já que ao contrapor uma postura adotada, induz a interpretação de um embate de idéias e solicita uma tomada de posição. “Se um discurso cita outro discurso, ele não é um sistema fechado em si mesmo, mas é um lugar de trocas enunciativas, em que a história pode inscrever-se, uma vez que é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução”.(FIORIN, 2006, p.45).

3.2 Pressuposto

Ainda no mesmo editorial do Jornal de Londrina de 06/05/2008, lemos o seguinte:
“Os atuais estudantes não representam a história que há naquele prédio”.

Essa conclusão pressupõe que já houve e não há mais estudantes que representam a história do prédio, e isso promove a conclusão que considera inexistir atualmente estudantes que representem a história. A pressuposição engloba uma afirmação positiva e outra negativa a ser compartilhada pelo locutor e interlocutor e também por sua comunidade. Koch (1984, p.52), assim define os pressupostos: “São, pois, pressupostos de um enunciado os conhecimentos que se devem presumir no ouvinte para que o enunciado possa cumprir sua função informativa”. No caso da frase analisada é possível apreender a postura do sujeito do enunciado, contrária a do reitor.

A pressuposição é uma forma de ativar no ouvinte algumas crenças e seu conhecimento lingüístico para que a interpretação do discurso ocorra conforme pretendeu orientar o enunciador. As informações que se almeja veicular são obtidas graças ao conhecimento dos fatos e experiências vividas pelo leitor e seu grupo social.

3.3 O uso de Aspas

Na continuidade da análise do editorial de 06/05/2008 temos a afirmação: “Pouco ajudaram as declarações do reitor Wilmar Marçal, de que a atual representação estudantil é formada por peessoas que não têm identidade com a cidade e a universidade”.

De forma análoga ao uso do futuro do pretérito, quando se recorre ao uso de aspas, a intenção do locutor é responsabilizar o outro pelas conseqüências do enunciado. E para justificar sua argumentação, reproduz a fala do agente discursivo, utilizando as aspas. É também um meio de manter uma certa distância do enunciado, que assinala uma postura assumida por outro locutor, sobre a qual o enunciador prefere se posicionar com prudência conforme impõe a situação. O fato analisado recai sobre um acontecimento polêmico, envolve uma comunidade anterior que representa a história e outra comunidade atual, que não a representa, ambas integrantes do meio acadêmico. Ao inserir no discurso, a fala aspeada de outro, o locutor minimiza a sua responsabilidade, mas deixa transparecer um ponto de vista. “Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte”. (BAKHTIN, 1986, p.113)

O locutor cita o discurso de outro entre aspas, procurando interagir com os leitores e chama a atenção de possíveis reações contrárias, ou seja, os indivíduos são marcados pela história e também fazem história. Portanto, o contexto histórico é outro componente facilitador da interpretação de um discurso e um negociador de sentidos e de aceitação.

3.4 O futuro do pretérito

Outro editorial do Jornal de Londrina em foco nesse artigo foi o publicado em 05/06/2008 intitulado Fator Obama e que teve como tema a disputa do Partido Democrata para escolha do candidato à presidente dos Estados Unidos. Analisamos o seguinte trecho:

“Qualquer um dos candidatos – os senadores Hillary Clinton e Barack Obama – que conseguisse a indicação levaria para campanha uma novidade no cenário político”.

O locutor opta pelo uso do verbo no futuro do pretérito com o objetivo de sugerir uma possibilidade, apresenta uma hipótese que crê possível, mas não tem a certeza que o emprego do tempo no futuro do pretérito evocaria. Isso o possibilita afastar-se da responsabilidade pelo dito a outros, no caso, àquele que for eleito. A proposição utilizada revela uma opinião que pode ser de muitas pessoas. É possível visualizar a novidade na campanha para se chegar à Casa Branca, pelo fato de um dos candidatos ser mulher e o outro ser negro o que é um acontecimento inovador.

A força argumentativa do uso do futuro do pretérito ocorre com o fim de permitir estabelecer conclusões pertinentes ao leitor inserido em um contexto histórico, o que facilita a aceitação do discurso apresentado. Sobre a importância do argumento para a adesão de leitores: “A argumentação é propriamente o procedimento que tornará a tese aceitável. A apresentação dos argumentos e suas provas dará força do convencimento e da persuasão, atingindo os interlocutores em seus objetivos, visões de mundo, desejos, vontades”. (CITELLI, 2003, p.29)

Hillary e Obama representam as duas possibilidades de renovação orientadas pelo verbo ‘levaria’, admite a possibilidade de a proposição ser verdadeira ou falsa, o que pressupõe que o candidato John McCain, citado no texto como candidato republicano é aquele apoiado pelo atual presidente e aquele que representa portanto, a continuidade. Isso explica a escolha argumentativa pelo locutor e a distância estabelecida quando se usa o futuro do pretérito na enunciação.

4 - Considerações Finais

Por meio desse trabalho, divulgo estudos que estou realizando no Curso de Especialização em Língua Portuguesa.

Desse modo, ainda é pequeno o “corpus” e são prévias as análises. No entanto, representam uma amostragem da pesquisa em desenvolvimento.

5 - Referências:

- DUCROT, O. Princípios de Semântica Lingüística. Tradução Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1977. (Original francês: 1972)
- KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e Linguagem. São Paulo: Cortez, 1984
- _____ A Inter-Ação pela Linguagem. São Paulo, Contexto, 3 ed., 1997
- _____ O Texto e a Construção de Sentidos. São Paulo, Contexto, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo, Hucitec, 1986.
- CITELLI, Adilson. O Texto Argumentativo. São Paulo, Scipione, 1995.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Alfa, São Paulo, 39:13-21. 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise de Textos de Comunicação. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. Para Entender o Texto. São Paulo, Ática, 16º ed.2002.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido / Jacqueline Authier-Revuz; apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- FIORIN, José Luiz. Linguagem e Ideologia. São Paulo, Ática, 8 ed., 2006